

**CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA ENTRE O JECA-TATU E O  
FUTEBOL: CARICATURAS DE IDENTIDADES NACIONAIS NO BRASIL DE 1922**

**Flavio Mota de Lacerda Pessoa  
PPGAV/EBA/UFRJ  
flaviomlpessoa@gmail.com**

***Introdução - O centenário de uma nação em crise***

Importante, oportuna e incômoda efeméride, a celebração do Centenário da Independência. Carregado de significados, interpretações e projetos muitas vezes dissonantes, o ano de 1922 seria intenso, e traria à tona crises, dúvidas e um cenário de disputas simbólicas diversas, marcado por uma série de episódios relevantes na história do país. As eleições presidenciais seriam acirradas por escândalos envolvendo candidatos em manchetes de jornais, imposição de censura à imprensa, revoltas militares e novas representações partidárias. O modelo político estabelecido pelas primeiras décadas da República que manteve o poder das oligarquias agrárias, começava a dar claros sinais de esgotamento. Diante do crescimento de novas forças e vozes dissonantes, o governo, então, não economiza investimentos e esforços na oportuna celebração do centenário, onde buscava projetar positivamente, interna e externamente, a imagem de uma nação unida, moderna, civilizada e pacífica. (MOTTA, 1992)

O ambiente provocado pela expectativa em torno do centenário, trazia à tona o incômodo problema da identidade nacional. A questão expunha a fragilidade dos componentes e das condições que esboçam o que poderíamos reconhecer como características culturais da nação brasileira; formada por uma esmagadora maioria de analfabetos, “herdeiros” da escravidão. Os processos de independência do Brasil, bem como das ex-colônias da América Latina nas primeiras décadas do século XIX, não alterou a condição agrária e de dependência econômica destas novas nações, que configurava a raiz de todo atraso tecnológico e estrutural em relação às nações européias. No caso brasileiro, nem o processo de independência, nem tampouco a proclamação da República teria promovido alterações radicais na política econômica e estrutural do país até a Revolução de 1930, cujas condições históricas começam a se esboçar neste conturbado ano de 1922.

Em seu estudo sobre as revistas paulistanas da primeira república, Ana Luiza Martins define o ano de 1922 como um período de “balanços e tomadas de posição”, (2001, p.18) lembrando de imediato duas ocorrências no âmbito político de enorme relevância simbólica: a

fundação do Partido Comunista do Brasil e o levante dos 18 do forte, que de algum modo evidenciam sinais de desgaste da República “Café com Leite”. Se o período que entendemos por “Primeira República” iria se estender até a Revolução de 1930, o ano de 1922 seria cenário de uma série de ocorrências históricas no plano político, econômico e cultural de forte carga simbólica que começam a denunciar o esgotamento daquele modelo político. Em “A Nação faz cem anos”, Marly Motta contextualiza o ano de 1922 como de uma profunda descrença da nova elite intelectual com relação aos rumos políticos do país, orientado pelos interesses da velha oligarquia agrária. Em suas palavras,

1922 revelou-se um ano-chave para o acirramento desta descrença: de um lado, a comemoração do centenário, forçando uma reflexão sobre o país, e em especial, um balanço sobre as realizações republicanas; de outro, a crise política, representada por uma campanha presidencial particularmente tensa, coroada por uma rebelião militar na própria capital. Justamente no ano em que o país deveria celebrar a emancipação da nação, obtida graças “a união de todos com o mesmo objetivo”, aí se incluindo até o antigo dominador, eis que uma “atmosfera de ódios” torna evidente a falência do regime republicano. (MOTTA, 1992, p.23-24)

Que identidade nacional poderia ser pensada se parte considerável da intelectualidade brasileira rejeitava seu passado, “configurado na trajetória pouco edificante de uma República que buscou copiar a “belepoque” falida” (1992, p. 31) ? Mota define como “múltiplas, contraditórias e divergentes” as interpretações e caminhos propostos por uma heterogênea elite intelectual do país. Em comum apenas, o desejo de um Brasil moderno.

O balanço dos cem anos e a conseqüente avaliação das condições concretas de atraso da sociedade brasileira indicavam a necessidade de novos parâmetros que definissem uma nação moderna, pois o modelo até então adotado parecia esgotado. (MOTTA, 1992, p.31)

É neste sentido que a celebração do centenário surgia num cenário conturbado como grande oportunidade para o Estado amainar as crises em diferentes frentes. Os festejos do centenário, que se estendia às competições olímpicas poliesportivas e à grande Exposição Internacional, atendiam a um amplo leque de interesses políticos, diplomáticos, econômicos, culturais e esportivos em contínuo e recíproco reforço. Empenhava-se um grande esforço em projetar a imagem do país, interna e externamente, propagando a ideia de uma nação moderna e civilizada. Buscava-se apoio internacional visando uma assento permanente na ONU, bem como o reconhecimento de seu papel de liderança hegemônica na América do Sul. Pôs-se em marcha uma série de reformas urbanas na capital do país. Em nome da higiene social, afastava-

se dos centros urbanos as moradias de baixa renda dependuradas no que ainda restava do Morro do Castelo, medida que também atendia à especulações imobiliárias; projetava-se e fortalecia-se o sentimento de união nacional em um momento de grandes cisões e desgastes políticos, canalizava-se simbolicamente a capacidade de realizar eventos internacionais de grande porte, bem como os possíveis desempenhos vitoriosos no campo esportivo. Evidencia-se, portanto, a continuidade da exclusão do povo neste projeto de modernização.

E é nesse sentido que vamos investigar aqui uma pequena seleção da produção caricatural do período, observando evidências da perspectiva particular de uma determinada categoria de profissionais da imprensa. Estas obras que analisaremos aqui oferecem ao estudo histórico um importante discurso alternativo e tantas vezes dissonante ao oficial que forma uma frente de formadores de opinião de grande alcance e presente nos principais centros urbanos do país. As charges, de autoria de dois nomes consagrados na história da caricatura brasileira, Alfredo Storni e J. Carlos (LIMA, 1963, V.3 pp.), para duas das revistas de maior tiragem do período (SODRÉ, 1966; MALAIA e PESSOA, 2012, pp.), Careta e O Malho, são evidências de um olhar bem mais crítico às solenidades e celebrações sociais e esportivas do centenário do que a própria linha editorial dos periódicos. A análise dessas imagens buscam ampliar o escopo documental através de uma ferramenta estratégica para poder veicular opiniões críticas de desaprovação dos acontecimentos e decisões do Estado, ou dos hábitos populares. Há que se ter em conta que o contexto político conturbado do período ameaçavam a liberdade de expressão, que culminou na aprovação do projeto de lei que previa oficializar o controle e a censura da imprensa.

***Jeca-Tatu em traje de gala: a resposta do humor ao Brasil das contradições modernizantes.***

Na emblemática charge de J.Carlos para a capa de uma edição d'O Malho de 1925, um exemplo perfeito do desgaste do modelo político oligárquico predominante na primeira república. Na composição, dois bules de metal de proporções gigantescas destacam-se sobre um fundo monocromático chapado em vermelho. Em primeiro plano, no bule mais alto, vemos a inscrição “Café de São Paulo”, enquanto no menor, “Leite de Minas”. Juntos representam a política “Café com leite” predominante por toda a República Velha. Em primeiro plano, de expressão tristonha, observamos o Jeca. Com seu usual chapéu de palha, camisa xadrez e o exagerado e habitual lenço vermelho atado ao pescoço, ele ergue uma xícara com as duas mãos. Parece ter interrompido o movimento que levava a xícara à boca para dar atenção a um

conhecido personagem de J.Carlos, que lhe dirige uma pergunta pertinente: CARDOSO \_\_ “O’ Jeca, porque é que você não muda de refeição? Sempre a mesma coisa.” JECA \_ “ O’ xentes! Mudá como? Não tem carioca...

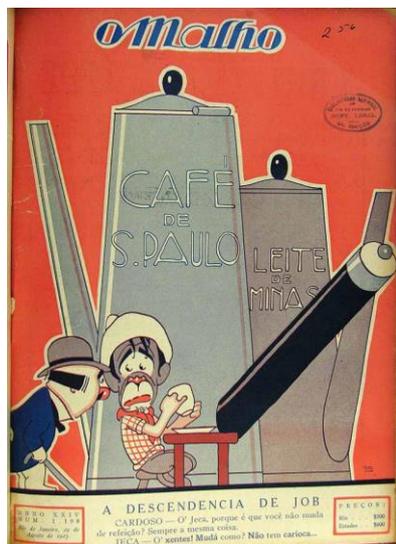


Figura 1 J.CARLOS,A descendência de Job. O Malho, 29AGO 1922.

Nota-se que é o personagem urbano e letrado que questiona o porquê de nos mantermos assim tão fiéis ao café com leite. J.Carlos sublinha aqui a persistente dificuldade do Estado brasileiro de ir além do café como motor de sua economia, bem como da população reagir a sua condição negligenciada. Mas é sobre a figura do caipira que vamos concentrar nossas reflexões. A resposta humorística aos esforços do Estado em projetar superficialmente a imagem de um país moderno e civilizado, era escancarar o descompasso entre a ideia de nação pretendida e propagada e a realidade agrária brasileira. O caipira, usualmente chamado de Jeca, em alusão ao Jeca-Tatu, personagem da obra de Monteiro Lobato, venceu e perdurou como uma representação usual da população brasileira nas páginas das revistas de grande circulação do país, nos traços diversos nomes consagrados da imprensa brasileira na arte da caricatura durante a década de 1920 e só iria começar a desaparecer no decorrer da era Vargas. Pesquisando a revista *O Malho*, por exemplo, nos deparamos com um número incontável de capas com o caipira no centro das atenções no decorrer da década de 1920.

Logo percebe-se que o personagem não é sempre o mesmo, ainda que carregue invariavelmente o nome de Jeca. Seus traços físicos de rosto e corpo variam a cada charge. Essa flexibilidade no tipo físico do personagem o torna ainda mais anônimo, o que reforça sua condição precária, sem identidade ou cidadania. Adota-se um nome genérico para se denominar

um personagem genérico, que representa uma determinada coletividade, reproduzindo um estereótipo da figura do caipira, e projetando essa identidade na representação da população brasileira. Roupas rasgadas ou remendadas, pés descalços, gestos servis, sotaque carregado, além da enorme dificuldade com a gramática da língua portuguesa definem o personagem que melhor representa a nação, na perspectiva humorística do período. Já o Cardoso, outro personagem que aparece na charge, era sempre o mesmo. Era conhecido por um sobrenome, não por uma alcunha brejeira. Ao caipira resta ocasionalmente uma sagacidade irônica, um tanto debochada. Ostenta um sorriso sardônico e uma dentadura desfalcada, barba por fazer, ou uma nascente e modesta barbicha na ponta do queixo. Ao sublinhar a alienação do personagem, os cartunistas lhe conferiam, por outro lado, uma dose de personalidade. Alheio ao agito dos grandes centros urbanos, algumas vezes ele desdenha das celebrações, das pompas e solenidades que configuram os costumes da metrópole.



*Figura 3 : STORNI. Alfredo. Jeca-Tatu em traje de gala,  
Careta, Rio de Janeiro, n.746, p.23, 07 out 1922.*

Exatamente um mês depois da inauguração da Exposição Internacional do Centenário da Independência, uma charge (Figura 3), Storni elegia o Jeca-Tatu como anfitrião da festa. Posava entre Marcelo Torcuato de Alvear, futuro presidente da Argentina, e o então presidente de Portugal, António José de Almeida. Muito pouco ou nada à vontade no traje à rigor, trazia

o colarinho frouxo no pescoço e a gravata amarrada como um lenço. Seu sorriso bestificado pela surpresa contrastava com a expressão sisuda dos dois estadistas, mais altos e elegantes. Ao fundo, percebemos a imponência dos pavilhões e luminárias compondo um cenário que pouco fazia lembrar paisagens icônicas do Brasil ou mesmo do Rio de Janeiro. Ao pé da charge, vemos uma legenda, sugerindo a fala do representante do povo brasileiro: “\_ Imagina só, se eu não fosse analfabeto (sic)!”

Storni debocha da obsessão civilizatória e colonizada do Estado e seus esforços em enaltecer e se espelhar na tradição e cultura eurocêntrica. Um humor que debocha de um Brasil oficial que ainda olha com desprezo para o povo e para a sua produção cultural. O Brasil não se representa por esses palácios suntuosos, de arquitetura de gosto bem mais conservador, que já vinha sendo suplantado na Europa desde a virada do século. Aponta o dedo na ferida, ao mostrar a realidade atrasada e agrária da nação e a precariedade da população, passiva diante das decisões políticas que não a considera. Só é lembrada aqui e como representante autêntica do povo brasileiro através da expressão humorística.

### ***Esporte, imprensa e identidade nacional***

As obras de Benedict Anderson e Eric Hobsbawn se tornaram referência obrigatórias para o estudo acadêmico sobre processo de construção e formação de identidades nacionais (HOBSBAWN, e ANDERSON, 2008). “Comunidades imaginadas”, de Anderson, evidencia a importância dos aspectos socioculturais para a formação política de Estados-Nações, bem como para a delimitação e manutenção das fronteiras, explicando porque membros de uma mesma comunidade que morem em pontos distantes e que nunca se viram compartilham de sentimentos, valores e demais aspectos identitários comuns. Nesse sentido, as mídias assumem papel fundamental com a disseminação das mais variadas produções artísticas ou culturais que contribuem para estabelecer hábitos e valores simbólicos de grande expressão.

Hobsbawn, por sua vez, introduz a discussão sobre a invenção das tradições, define a expressão como um conjunto de práticas rituais e simbólicas.que são criadas ou estimuladas para “inculcar certos valores e comportamentos por meio da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado”. (HOBSBAWN, 2008, p.9) Seja “formalmente institucionalizadas”, seja constituídas por fenômenos e hábitos sociais que vão surgindo e se estabelecendo, cuja origem é bem mais difícil de se localizar num período

delimitado de tempo. Uma forma exemplar que interessa particularmente a esta pesquisa é o surgimento e a evolução das práticas em torno da final do campeonato britânico de futebol, lembrado pelo historiador.

*Tanto o esporte das massas quanto o da classe média uniam a invenção de tradições sociais e políticas de uma outra forma: constituindo um meio de unificação nacional e comunidade artificial. (...) era a demonstração concreta dos laços que uniam todos os habitantes do Estado Nacional, independente de diferenças locais ou regionais, como na cultura futebolística puramente inglesa ou mais literalmente em instituições desportivas como o Tour de France dos ciclistas (1903), seguidos do Giro D'Italia (1906) (HOBSBAWN, 2008, p.309)*

Benedict Anderson, por sua vez, empresta-nos a noção de “comunidade política imaginada”, ao observar que os cidadãos, via de regra, se reconhecem como pertencentes a uma mesma nacionalidade, mesmo sabendo que nunca viram, nem virão a maioria de seus compatriotas (1993, p.21). Resgatando uma consideração sagaz do historiador francês Ernst Renan, que estuda o conceito de nação, para quem a essência do termo residiria tanto no que os indivíduos dessa sociedade podem ter em comum como nos esquecimentos. No caso do Brasil, isso nos leva a pensar no esquecimento das camadas populares nas representações oficiais, ou no investimento no futebol em detrimento das letras como símbolo nacional, o que acusavam cartunistas e escritores.

Com esse conceito de nação em mente, W.S. Pope organizou uma publicação que buscava oferecer um panorama analítico sobre como o esporte, através das suas relações com a imprensa, constituindo uma contribuição fundamental para a construção do “nacionalismo americano”. Pope escolheu, de forma simbólica, o intervalo entre 1876 e 1926, aproveitando as celebrações pelos 100 e 150 anos da independência americana, reunindo reflexões que tomam o espetáculo esportivo como janela para análise do amplo processo de materialização de elementos da cultura popular no plano nacional, através dos mais variados recursos de comunicação e das indústrias de entretenimento de massa.

### ***Diplomacia da bola jogos: sul-americanos e relações internacionais***

Mauricio Drummond destaca episódios e situações que tornaram o ano de 1922 extremamente conturbado politicamente. O pleito presidencial ocorrido em março daquele ano

acirraria a oposição entre oligarquias divergentes de diferentes estados. A cisão se tornou mais tensa após o episódio que ficou conhecido por “cartas falsas”<sup>1</sup>, envolvendo também segmentos militares. A confusão agravaria a crise, que culminou com o levante no Forte de Copacabana. A eclosão da revolta provocou o decreto de estado de sítio no Estado do Rio de Janeiro e no então Distrito Federal (DRUMMOND, 2012). As comemorações do centenário no horizonte tornam-se mais do que oportunas ao interesse de selar novamente a união nacional em torno do objetivo comum de projetar positivamente a imagem do país como uma nação moderna e capaz de realizar eventos internacionais de grande porte e de receber elevado número de turistas e autoridades internacionais. As competições poliesportivas realizadas no bojo dos festejos estavam cercadas de expectativa e envolvimento político e diplomático.

De acordo com Diego de Jesus e Valéria Guimarães, toda organização dos eventos constituía rara oportunidade de projetar internacionalmente a imagem de um país, moderno, civilizado, com um futuro promissor e, principalmente, “um novo e decisivo ator da política internacional” (JESUS e GUIMARÃES, 2012, p.47.) Ocupando desde 1920 um dos quatro assentos temporários do Conselho da Liga das Nações, a república brasileira nutria sistemática obsessão em conquistar uma cadeira permanente e garantir posição de maior destaque entre as grandes potências da época, hegemonia na América Latina e condições cada vez mais favoráveis nas relações comerciais. O governo não mediria esforços e recursos para grandes reformas urbanas na capital, para a reestruturação e expansão da rede hoteleira, para a reforma das praças esportivas, como o estádio do Fluminense ou para a construção dos suntuosos e monumentais pavilhões da exposição. Considerando os objetivos e expectativas da projeção nacional e internacional almejada, era imprescindível demonstrar impecável capacidade de organizar eventos de porte internacional, evidenciando cada missão bem sucedida, fosse nas vitórias no futebol, fosse nas competições dos produtos em exibição na exposição.

Neste contexto, as competições esportivas constituíam importante reforço no estreitamento de laços diplomáticos entre as nações vizinhas, além de contribuir igualmente para a pretendida projeção da imagem do país no plano internacional como nação moderna e civilizada, disponibilizando um dos estádios mais modernos da América Latina. A primeira

---

<sup>1</sup>O Correio da Manhã havia publicado, no ano anterior, cartas atribuídas ao então candidato da situação Artur Bernardes com graves ofensas aos militares e ao candidato de oposição, Nilo Peçanha, provocando revolta e mobilização de segmentos militares contra o candidato da situação.

edição continental dos Jogos Olímpicos, promovidos com a chancela do Comitê Olímpico Internacional, bem como a realização do VI Campeonato Sul-Americano de Futebol, além dos jogos militares internacionais constituíram as atrações esportivas da celebração, espalhadas entre a Quinta da Boa Vista, o Estádio do Exército, o Quadrado da Urca e o recém reformado estádio do Fluminense.

Mas ao rolar a bola nos gramados, a performance diplomática muito bem sucedida com os cerimoniais e protocolos em torno da Exposição Internacional não se repetiria nas competições. No caso dos jogos olímpicos, o fiasco se revelava no desempenho e nos resultados obtidos. No caso do VI Sul-Americano, a situação se tornou delicada pelo trato com os estrangeiros e na denúncia de manipulação de resultados. Como o desempenho da seleção brasileira andava longe do esperado, para não correrem o risco de perder o campeonato, “numa sucessão de arranjos espúrios ao futebol”, recorreram a uma vergonhosa manipulação de resultados, assegurando a conquista para a seleção debaixo de muitos protestos e desconfianças dos adversários.

Observando outra charge de Storni, numa composição mais alegórica e imaginativa, uma sugestão explícita de agressão física entre dois jogadores de futebol atrai o olhar do leitor. Um deles ergue a perna a ponto de pisar na garganta do adversário, que flexiona o tronco para trás e ergue os braços, em busca de equilíbrio. Atrás deles o círculo da bandeira do Brasil ganha volume e se transforma numa grande esfera, na frente do qual, jaz de perfil, esbelta e ereta a imagem da República descansando o braço direito sobre a bainha da espada. Seu olhar mira o horizonte, acima da altura dos jogadores. Imóvel parece ignorar a violência do golpe. Atrás da globo da bandeira, um parlamentar, em trajes oficiais, volta os olhos à briga entre os atletas e exclama: “o que alguns fazem com as mãos, outros fazem com os pés.”(MALAIA e PESSOA, 2012, p.158) Isolada na cena, praticamente esquecida, a bola não merece a atenção de nenhum dos personagens descritos. Acima da cabeça da República, tremulam as bandeiras de três países vizinhos: Argentina, Chile e Uruguai. Na legenda, o comentário do cartunista. “O que alguns fazem com as mãos, outros desfazem com os pés.”



**Figura 4** - STORNI, Alfredo. Fraternidade Sul-Americana, Rio de Janeiro: Careta 07 OUT 1922.

A dupla alfinetada se dirige ao futebol, como uma modalidade esportiva violenta, mas também debocha da estratégia do Estado em fazer uso das competições esportivas para estreitar as relações internacionais com os países vizinhos, embora o país não tivesse questões territoriais mais sérias a se resolver com os demais países da América do Sul. Na verdade, as confusões ocorridas durante os jogos, bem como as suspeitas levantadas contra arbitragem talvez tenha causado mais arranhões do que laços afetivos (JESUS e GUIMARÃES, 2012). Deste modo, a charge chama atenção ainda para o retumbante fracasso no papel que se esperava que cumprisse, reforçando as boas relações diplomáticas entre os países da América do Sul. Mas talvez o motivo mais forte para formar uma resistência desses formadores de opinião à prática do futebol era enfatizar o esforço físico em desfavor do esforço intelectual, e a isso se explica perfeitamente a enorme dificuldade destes cartunistas, além de escritores renomados como Lima Barreto<sup>2</sup>, em aceitar o futebol como símbolo pátrio e elemento de unidade nacional, apesar do enorme entusiasmo do público.

### *2.3.3 O confronto entre as letras e o futebol*

---

<sup>2</sup> Tornou-se célebre seu artigo carregado de ironia, *As Glórias do Brasil*, publicado na primeira edição de 1922, onde considerava a prática esportiva mera futilidade inútil e lamentava profundamente o alvoroço popular em torno deste espetáculo, face à pouca importância dada às letras. “*As Glórias do Brasil*”. *Careta*. Ano XV. nº 107, 7 de janeiro de 1922, p.19.

Afinados com discursos nacionalistas de uma elite letrada que ocupavam espaços de proeminência na imprensa, os cartunistas pesquisados aqui condenavam a apropriação do futebol, por conta de ser uma atividade física e não intelectual, como símbolo cultural de nossa identidade nacional. Considerando as evidências já expostas, podemos afirmar, então, que durante o período das competições sul-americanas poliesportivas de 1922, o futebol vinha gradativamente se estabelecendo como modalidade esportiva mais popular no então Distrito Federal, tomando o espaço que antes pertencera ao remo e ao turfe. Jornais e revistas de maior alcance do Rio e de São Paulo já alguns anos antes do certame de 1922, reforçavam com frequência o patriotismo envolvido no entusiasmo dos torcedores com os jogos entre equipes brasileiras e estrangeiras.

Isso mesmo antes da fundação da Confederação Brasileira de Desportos, em 1914, e da formação das primeiras seleções nacionais reunindo atletas considerados mais aptos a representar o país em competições internacionais, com a chancela oficial de “seleção brasileira”. O futebol configurava-se um produto altamente atrativo para ser consumido pelas sociedades de massa que se formavam em grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, que vivenciavam um ritmo intenso de crescimento econômico e populacional. Entre os novos hábitos, as atividades de lazer público comercializável como o futebol, “sport da moda” ganham destaque, responsáveis por um novo estilo de vida urbano característico. A conquista do título da competição de 1922 pela seleção mereceu grande destaque nos grandes veículos da imprensa que exultava o feito. “Todo o Brasil rejubila a estas horas com a merecida vitória alcançada ontem[...]” (MALAIA e PESSOA, 2012) destacava a primeira página do jornal *Imparcial*. Já *O Jornal* carregava no tom patriótico ao afirmar que “os louros dessa memorável pugna couberam, mui justamente aos nossos patrícios que tiveram, assim, o justo prêmio dos esforços dispendidos e da abnegação com que sempre lutaram em defesa das cores nacionais.”

3

Vale esboçar aqui a dimensão desses periódicos de grande circulação nas grandes cidades do país. A maioria dos jornais era diário e custava \$100, metade ou um terço do preço que se pagava para andar de bonde. As revistas, semanais ou quinzenais, eram mais caras. Um

---

<sup>3</sup> O Jornal, 24 de outubro de 1922, p.7.

exemplar da *Careta*, em 1922, custava \$400 (MALAIA e PESSOA, 2012)<sup>4</sup>. Com tiragem semanal e circulação nacional e nos grandes centros urbanos podia ser facilmente encontrada em engraxates, barbearias e consultórios médicos (SODRÉ, 1966, p.346), de modo que pode supor o quanto este entusiasmo da imprensa contagiava o espírito dos leitores, fortalecendo e ampliando o alcance deste sentimento. De todo modo, essas revistas tinham um alcance certamente maior do que o número de exemplares de cada tiragem, se considerarmos que eram facilmente encontradas em “engraxates, barbeiros, consultórios” (SODRÉ, 1966, p. 346), nos grandes centros urbanos. Há que se sublinhar, portanto, que o enorme alcance desses periódicos consagra e situa a posição daqueles que produziam o conteúdo dessas edições, seja textual, seja iconográfico, como uma elite intelectual e formadora de opinião.

Em meio à competição, Storni encontra numa cena escolar, uma metáfora perfeita para passar seu recado (figura 05). Uma figura alegórica da República faz as vezes de professora, afagando com uma das mãos a cabeça de um Ruy Barbosa de proporções infantis em traje de gala. Com a outra, estende um livro a um grupo de jogadores de futebol anônimos, que aparecem de costas pro leitor, fazendo lembrar os alunos relapsos, gazeteiros em contraponto com o “esforçado” e letrado Ruy. A legenda da ilustração acaba soando redundante diante da imagem que fala por si. Ao estender o livro aos “meninos gazeteiros”, a figura da República ainda recomenda: “Meus filhos! Nada de exageros! Lembrai-vos que a grandeza de uma nação não está nos músculos de seus atletas, mas na inteligência de seus intelectuais.” Lembrado nesta e em outras charges, a figura de Ruy Barbosa, ex-presidente da Academia Brasileira de Letras, duas vezes derrotado nas eleições presidenciais e tendo renunciado a uma cadeira no Senado, parecia se configurar um símbolo facilmente identificável como um representantes das letras e da intelectualidade brasileira.

---

<sup>4</sup> O salário médio dos operários da importante América Fabril girava em torno de 200\$000, de modo que adquirir uma dessas revistas por semana lhe custava menos do que um por cento de seu ordenado. (LOBO, Eulália Santos, 1978)



**Figura 05** - Alfredo Storni. *Aos livros*. Rio de Janeiro: Careta, 28 de OUT 1922, p. 11.

Em outra charge de Storni, um gigante uniformizado como jogador de futebol, um semblante que exala felicidade: de olhos fechados, o gigante mostra um sorriso aberto de apenas dois dentes. Em posição ereta e de braços erguidos, tem em cada mão, dois membros da Academia Brasileira de Letras, um deles de cabeça para baixo, é seguro pelos pés, identificados pelo tradicional fardão da instituição letrada, símbolo máximo da intelectualidade do país. A posição e a expressão do gigante fazem lembrar uma postura infantil. Os acadêmicos lembram brinquedos em sua mão. Metáfora adequada para expressar a ideia de inversão de valores que inquietava uma parte da elite que torcia o nariz para o *sport da moda*. O gigante de Storni parece representar um atleta, trajando um uniforme mais característico de um jogador de futebol: meias esticadas até o joelho, chuteiras, camiseta enfiada dentro do calção.



**Figura 09** - Alfredo Storni. *Sem título*. Rio de Janeiro: Careta, 28 de OUT 1922, p.30

Se não podemos de imediato afirmar que o gigante atleta da charge de Storni poderia ter sido pensado para representar o povo brasileiro, podemos considerar que parece representar o futebol como uma ideia. Mas se “o futebol” é mostrado como um atleta gigante com expressão abobalhada, brincando com as nossas letras, devemos levar em conta que a crítica do cartunista recai mesmo sobre a sociedade brasileira, que prestigia e valoriza essa “futilidade toda” em torno da competição esportiva, enquanto as letras são meros brinquedos, não são levados a sério. O gigante de Storni pode não ser uma representação assumida do povo brasileiro, mas é possível que faça alusão à “gigantesca popularidade” da prática no Brasil, o que de certo modo, abarca todo brasileiro envolvido com mais popular esporte bretão”.

### **Notas conclusivas**

Quase 100 anos depois, no dia de estreia da seleção brasileira na Copa de 2014, o cartunista Mario Alberto, então no diário esportivo Lance!, faria uma renovada caricatura de um gigante torcedor para representar novamente o povo brasileiro. Um ano depois da série de manifestações de 2013 que mobilizaram o país e popularizaram a expressão “o gigante acordou”, o cartunista ironiza este despertar, mostrando o gigante ajudando na decoração das ruas para a Copa do Mundo. Acentuava duas características do povo mais aceitas no país: o tamanho da população, quinta maior do mundo, e sua passividade política, submissa e

apartidária. Curiosamente, o cartunista do jornal esportivo ensaia resgatar a velha crença que associa futebol à alienação, quando o ato de enfeitar as ruas enfatiza essa condição.

Válido reforçar, portanto, que esta representação pejorativa que reconhece o povo como uma massa alienada e passiva diante dos rumos políticos do país, não surgiu ali, em 1922, mas bem antes disso, com o desenvolvimento da imprensa durante o segundo reinado e tampouco haveria de terminar no ano do centenário, como parece demonstrar a charge bem mais recente de Mario Alberto. Entre o gigante de Storni e o de Mario Alberto, muitas outras representações de um personagem apático e passivo podem abrir horizontes a novos caminhos de pesquisa. Antes da figura do caipira, o indígena também fora outra das representações lembradas pela caricatura oitocentista. Na maioria das vezes, de forma pejorativa, estereotipada, mostrando-o como vítimas, martirizados, passivos. O recorte aqui apresentado configura-se uma breve e modesta mostra do que o estudo da imensa produção caricatural brasileira tem ainda a oferecer à pesquisa historiográfica e ampliar o campo de reflexões sobre o passado.

**Referências Bibliográficas**

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- DRUMOND, Mauricio. Os jogos esportivos do centenário: o ponto de vista da política. In: MALAIA, João M. C. e MELO, Victor. (org)1922:celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- HOBBSBAWN, Eric. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e terra, 2012.
- JESUS, Diego Santos Vieira e GUIMARÃES, Valéria Lima. Muito além da festa: o VI sul-americano e as relações internacionais no centenário da independência do Brasil. In: MALAIA, João M. C. e MELO, Victor(org). 1922:celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.
- LOBO, Eulália M. Lahmeyer. *Rio de Janeiro Operário: natureza do Estado, conjuntura econômica, condições de vida e consciência de classe*: Access Editora, 1992.
- MAIA, Andrea Casa Nova. *O Mundo do trabalho nas páginas das revistas ilustradas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.
- MALAIA, João M. C. e PESSOA, Flavio M.L. Os jogos de 1922 na imprensa. In: MALAIA, João M. C. e MELO, Vitor (org)1922:celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de república*. São Paulo: FAPESP/EDUSP, 2001.
- MOTTA, Marly. *1922 A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas - CPDOC, 1992
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primórdios dos tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SILVA, Marcos Antônio da. *A construção do saber histórico: historiadores e imagens*. R. História. São Paulo, n. 125-6, p. 117-134, jan./jul. 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.